

CORPUS THOMISTICUM  
<http://www.corpusthomisticum.org/qdw4.html>

**Sancti Thomae de Aquino**  
**Quaestiones disputatae de virtutibus quaestio 4, art. 2.**

[Textum Taurini 1953 editum  
ac automato translatum a Roberto Busa SJ in taenias magneticas  
denuo recognovit Enrique Alarcón atque instruxit]

**Quaestio 4**  
**Proemium**

**Articulus 2**

**Secundo quaeritur utrum spes sit in voluntate sicut in subiecto**

Et videtur quod non.

**Arg. 1** Obiectum enim spei est bonum arduum. Sed arduum est obiectum irascibilis. Ergo spes est in irascibili, et non in voluntate.

**Arg. 2** Praeterea, caritas est perfectissima virtutum. Ergo sufficit ad perficiendam unam potentiam. Sed caritas est in voluntate. Non ergo in voluntate est spes.

**Arg. 3** Praeterea, ideo non possumus plura intelligere simul, quia intellectus non potest simul informari diversis speciebus intelligibilibus, sicut nec corpus diversis figuris, ut Algazel dicit. Ergo, pari ratione, una potentia non potest simul informari in actu secundum diversos habitus, ut scilicet secundum utrumque actu operetur. Sed simul potest esse actus spei cum actu caritatis. Ergo caritas et spes non possunt esse simul in una potentia. Sed caritas est in voluntate. Spes ergo non est in voluntate.

**Arg. 4** Praeterea, spes est certa expectatio. Sed certitudo pertinet ad vim cognitivam. Ergo spes est in vi cognitiva, et non in voluntate.

**Sed contra**, spes est ex meritis proveniens. Sed merita pertinent ad voluntatem. Ergo spes est in voluntate.

**Conclusio.** Respondeo. Dicendum, quod, sicut dictum est, spes est virtus theologica, unde eius obiectum est Deus. Nulla autem vis sensitiva potest se extendere ad hoc obiectum quod est Deus, quia sensus corporalia non transcendit; et ideo spes non potest esse in aliqua vi sensitiva.

Manifestum autem est quod spes ad vim appetitivam pertinet, eo quod obiectum eius est bonum, ut supra, art. praeced., dictum est; unde oportet quod sit in vi appetitiva rationis, quae est voluntas, secundum philosophum in III de anima. Unde spes est in voluntate sicut in subiecto.

Huiusmodi autem appetitus rationalis non dividitur per irascibilem et concupiscibilem, ut quidam posuerunt: quia obiectum voluntatis est bonum, secundum communem boni rationem, quam potest intellectus apprehendere, non autem sensus. Et ideo appetitus sensitivus, cuius obiectum est bonum secundum rationem particularem, dividitur in irascibilem et concupiscibilem, secundum diversas rationes boni sensibilis, quod vel est delectabile secundum sensum ad quod ordinatur concupiscibilis; vel est altitudinem propriam habens supra impedimenta delectationis, et hoc est obiectum irascibilis. Unde in appetitu superiori irascibilis et concupiscibilis non ponuntur.

Sic ergo subiectum spei non est irascibilis, sed voluntas.

**Ad primum** ergo dicendum, quod spes de qua loquimur, est ardui intelligibilis, quod non est obiectum alicuius specialis potentiae; sed voluntas in ipsum tendit secundum rationem universalem boni.

**Ad secundum** dicendum, quod caritas perficit voluntatem perfecte quantum ad unum motum eius, qui est amare; sed indiget alia perfectione quantum ad alium motum eius qui est sperare.

**Ad tertium** dicendum, quod quando sunt multa ordinata ad unum, possunt simul intelligi: similiter etiam motus spei simul potest esse cum motu caritatis, quia ad se invicem ordinantur.

**Ad quartum** dicendum, quod certitudo spei derivatur a certitudine fidei: in quantum enim motus appetitivae virtutis dirigitur a virtute cognoscitiva, participat aliquid de eius certitudine.

AQUINATE  
<http://www.aquinate.net/traduções.html>

São Tomás de Aquino  
Questões disputadas sobre as virtudes, questão 4, art.2.

[Tradução Prof. Dr. Paulo Faitanin]

Questão 4  
Promêmio

Artigo 2

Em segundo se pergunta se a esperança existe na vontade como em um sujeito.

E parece que não.

**Arg. 1.** O objeto da esperança é o bem difícil. Porém, o difícil é objeto do irascível. Portanto, a esperança existe no irascível, e não na vontade.

**Arg. 2.** Além do mais, a caridade é entre as virtudes a mais perfeita. Portanto, ela é suficiente para aperfeiçoar uma potência. Contudo, a caridade existe na vontade. Logo, a esperança não existe na vontade.

**Arg. 3.** Além do mais, não podemos conceber várias coisas simultaneamente, porque o intelecto não pode ser informado por diversas espécies simultaneamente, assim como nem o corpo por diversas figuras, como disse Algazel<sup>1</sup>. Portanto, pela mesma razão, uma potência não pode ser simultaneamente informada em ato por diversos hábitos, ou seja, como sendo operado em ato por ambos. Porém, pode simultaneamente ser ato da esperança como ato da caridade. Portanto, a caridade e a esperança não podem existir simultaneamente em uma potência. Ora, a caridade existe na vontade. Logo, a esperança não existe na vontade.

**Arg. 4.** Além do mais, a esperança é certa expectativa. Ora, a certeza pertence à potência cognoscitiva. Logo, a esperança existe na potência cognoscitiva e não na vontade.

**Mas contra,** a esperança é proveniente dos méritos. Ora, os méritos pertencem à vontade. Logo, a esperança existe na vontade.

---

<sup>1</sup> Al-Gazali (nome latino Algazel: *floruit* circa 1050-1111) muito célebre entre os teólogos árabes orientais, pertencente a uma seita ortodoxa que acirradamente defendia a superioridade da doutrina islâmica, defendendo-a contra o racionalismo. Por isso, escreveu um livro cujo título evidencia bem aqueles propósitos: *Destructio philosophorum*.

**Conclusão.** Respondo dizendo que, assim como foi dito, a esperança é virtude teológica, donde seu objeto é Deus. Porém, nenhuma potência sensitiva pode se estender para este objeto que é Deus, porque os sentidos corporais não transcendem a materialidade; e por isso, a esperança não pode estar em alguma potência sensitiva.

Porém, é manifesto que a esperança convém à potência apetitiva e que o objeto deste é o bem, como acima, no artigo precedente, foi dito; donde é necessário que exista na potência apetitiva da razão, que é a vontade, conforme ensina o Filósofo no III livro do *De Anima* (coment. , 44). Donde a esperança se encontra na vontade como em um sujeito.

Porém, deste modo, o apetite racional não se divide em irascível e concupiscível, como alguns puseram: porque o objeto da vontade é o bem, segundo o bem comum da razão, que o intelecto pode apreender, mas não o sentido. E, por isso, o apetite sensível, cujo objeto é o bem segundo a natureza particular, se divide em irascível e concupiscível, conforme as diversas naturezas do bem sensível, que ou é prazeroso, conforme o sentido a que se ordene o concupiscível; ou é de outra maneira própria, tendo sobre ele impedimento do prazer e isto é objeto do irascível. Donde se conclui que no apetite superior não são postos as potências irascível e concupiscível.

Assim, portanto, o sujeito da esperança não é o irascível, mas a vontade.

**Ao primeiro,** respondo, portanto, dizendo que a esperança de que se fala é de difícil intelecção, que não é objeto de alguma potência especial; mas a vontade tende a ela, segundo a razão universal de bem.

**Ao segundo,** respondo dizendo que a caridade aperfeiçoa a vontade perfeitamente, quanto ao seu próprio movimento, que é amar; mas limita outra perfeição, quanto a um outro movimento que é esperar.

**Ao terceiro,** respondo dizendo que, quando existem muitas coisas ordenadas para uma, podemos considerá-las simultaneamente: de modo semelhante, o movimento da esperança pode ser simultâneo ao movimento da caridade, porque ambos se ordenam mutuamente.

**Ao quarto,** respondo dizendo que a certeza da esperança deriva-se da certeza da fé: enquanto, pois, o movimento do apetite da virtude dirigi-se, pela virtude cognoscitiva, participa algo de sua certeza.